



## A teologia do Livro de Isaías como exceção ao pensamento de Heinrich Zimmer

THE THEOLOGY OF THE BOOK OF ISAIAH AS AN EXCEPTION  
TO THE THOUGHT OF HEINRICH ZIMMER

Matheus Landau de Carvalho<sup>1</sup>

Submetido em 04/2013

Aceito em 06/2013

### RESUMO:

O Artigo pretende ser uma contribuição ao estudo comparado das religiões ao propor uma revisão de uma ideia expressa na obra *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*, do estudioso das religiões e filosofias da Índia, Heinrich Zimmer, i. e., a oposição estrita entre a divindade criadora do cosmo e o monstro instaurador do caos, a partir da leitura do *Livro de Isaías* enquanto um caso de exceção teológica judaica a algumas afirmações na obra supracitada do teórico alemão, assim como lançar mão do livro *Mito do Eterno Retorno*, de Mircea Eliade, para melhor compreender o caráter *sui generis* da concepção de tempo judaica necessária à mesma revisão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro de Isaías - Heinrich Zimmer - Cosmo - Caos - Mircea Eliade.

### ABSTRACT:

The Article intends to be a contribution to the comparative study of religions by proposing a revision of an idea expressed inside the work *Myths and Symbols in Indian Art and Civilization*, by the expert on religions and philosophies of India, Heinrich Zimmer, i. e., the strict opposition between the cosmos-creator divinity and the chaos-establisher monster, from the reading of the *Book of Isaiah* as a case of Jewish theological exception towards some affirmations in the German theorist's work aforesaid, as well as betake the book *The Myth of the Eternal Return*, by Mircea Eliade, so as to better comprehend the *sui generis* character of the Jewish time conception necessary to the same revision.

**KEY-WORDS:** Book of Isaiah - Heinrich Zimmer – Cosmos - Chaos - Mircea Eliade.

---

<sup>1</sup> Concluiu Bacharelado e Licenciatura em História e Habilitação em Patrimônio Histórico pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2009. Obteve o grau de especialista – 2010 – e é mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, pela mesma Universidade, sob orientação do Prof. Dr. Dilip Loundo.



## INTRODUÇÃO

De acordo com Hans-Jürgen Greschat, em sua obra *O que é Ciência da Religião?*, a(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões) costuma(m) ser estabelecida(s) sobre duas bases de investigação acadêmica: uma é a História da Religião, através da qual historiadores da religião pesquisam religiões singulares, obtendo-se como resultado o objeto de estudo dos pesquisadores da outra base da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões), a História Comparada da Religião – ou Fenomenologia da Religião, ou Ciência Sistemática da Religião –, que tenta traçar de maneira elaborada um sistema em cujas rubricas caibam os diferentes aspectos de várias religiões. Segundo o professor e cientista da religião Joachim Wach (1898-1955),

enquanto a história estuda religiões de maneira longitudinal, a Ciência Sistemática da Religião as estuda de maneira transversal. Cortes longitudinais são feitos dentro de uma religião particular; eles reconstróem o desenvolvimento de um objeto religioso entre dois pontos de seu contínuo histórico. Cortes transversais percorrem várias religiões com a função de investigar um traço universal. (GRESCHAT, 2005, p. 47)

Na esteira dos estudos da História Comparada da Religião, a pesquisa acadêmica costuma enfatizar leis ou diretrizes gerais que percorrem várias religiões a fim de investigar um traço universal, e relegar casos de exceção que podem, inclusive, servir de revisão de alguns destes enunciados universais, a um segundo plano.

Os estudos do alemão Heinrich Zimmer sobre as religiões e filosofias da Índia poderiam ser encaixados num contexto semelhante: a partir da análise de um relato vaiçnava sobre uma vitória de Kṛṣṇa comparada com o estudo de alguns aspectos teológicos de Iahweh no Livro de Isaías, é possível identificar aí um caso de exceção a certas afirmações de Zimmer em sua obra *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*, e com isso contribuir para os estudos comparados das religiões em um de seus temas centrais, qual seja, o antagonismo metafísico e ontológico entre a divindade da criação do cosmo e a serpente instauradora do caos.



## 1 A análise de Heinrich Zimmer sobre a estória de Kṛṣṇa e Kāliya

Em sua obra *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*, o indólogo alemão Heinrich Zimmer apresenta a seguinte estória do hinduísmo vaiṣṇava:

Kṛṣṇa chegou a um lugar onde as águas do rio turbilhonavam, brancas de espuma. Ali, sob as águas, ficava o covil de Kāliya, o grande rei-serpente, cuja respiração de fogo e veneno, ao espalhar-se, incendiava todas as árvores inclinadas sobre a correnteza. Mesmo os pássaros, ao voar sobre a medonha morada, tombavam incinerados, mortos.

[...] O menino, antevendo e preparando-se para o que viria, subiu na árvore e mergulhou, com um grande salto, nas profundezas. [...] Com as palmas das mãos, Kṛṣṇa pôs-se a bater na água, fazendo emergir o rei-serpente, provocando-o com o inusitado barulho. Este tinha os olhos vermelhos de cólera, e dos capelos derramava-se o ígneo veneno. Rodeavam-no rubras serpentes guerreiras, coleantes, em nós incontáveis. As rainhas e donzelas-serpentes o protegiam, às centenas. [...] Com seu veneno, borrifaram Kṛṣṇa, mordendo-o com bocas que minavam peçonha e prendendo-lhes os ombros com as espirais.

[...] Então, conhecedor secreto que era da natureza divina de Kṛṣṇa, Balarāma falou-lhe, detendo nele os olhos penetrantes: - Divino Senhor dos Deuses, por que mostrais tal fragilidade humana? Não estais consciente de vossa essência divina? Sois o centro do universo, o arrimo dos deuses, o criador, destruidor e guardião dos mundos. O universo é vosso corpo. [...] Desempenhastes os papéis de criança e de menino; representastes a fraqueza humana. Revelai agora vosso infinito poder: levantai-vos e derrotai o poderoso demônio!

As palavras ressoaram nos ouvidos de Kṛṣṇa. Lembraram-no de sua verdadeira essência. Em sua face desenhou-se um sorriso, e seus olhos abriram-se devagar. Seus braços moveram-se; as mãos começaram a golpear as espirais que o envolviam. Com um repêlo, libertou os membros das cadeias ofídicas; de um salto, já livre, pôs sob o seu pé o rei-serpente; erguendo o joelho, começou a dançar sobre a poderosa cabeça. Cada vez que o monstro tentava levantar o pescoço, o menino divino o pisava; vezes e vezes foi assim, até que a serpente, enfraquecida, desfaleceu. Kṛṣṇa continuou a dançar até que o sangue do rei esguichou, e ele ficou hirto como um ramo ressequido.

Apavoradas, vendo a cabeça de seu senhor pisoteada e ensanguentada, as rainhas-serpentes imploravam a Kṛṣṇa: - Divino Senhor dos Deuses, ó vós que governais o universo, agora vos reconhecemos! Quem é digno de louvar-vos a grandeza que transcende o mundo? Tende piedade, salvai a vida de nosso rei!

O extenuado Kāliya, a quem a súplica recobrou ligeiramente, implorou ao vitorioso, em voz balbuciante: - Só o que fiz foi agir de acordo com a minha natureza. Ao criar-me, dotastes-me de força e veneno: portanto, procedi como vistes. Se outro tivesse sido meu comportamento, estaria violando as leis que impusestes e que determinam a cada criatura agir de acordo com sua espécie. Tivesse eu desafiado a ordem do universo e seria, sim, merecedor de punição. Mas, mesmo ao golpear-me, concedestes-me a dádiva suprema: o



toque de vossa mão. Quebrada está minha força, e meu veneno, consumido. Imploro-vos que me poupeis a vida e que digais o que devo fazer.

Kṛṣṇa, em sua benevolência, respondeu: - Doravante não mais devereis habitar as águas do Yamunā, e sim a vastidão do oceano. Parte! Além do mais, declaro-te que Garuḍa, o pássaro-sol de ouro, arquiinimigo de todas as serpentes e meu veículo através da imensidão do espaço, para sempre te poupará, a ti, a quem eu toquei. (ZIMMER, 1989, pp. 72-74)

Observa-se nesta narrativa dois momentos: num primeiro existe a oposição estrita entre divindade criadora e monstro destruidor: de um lado, Kāliya é uma serpente que habita as águas, um poderoso demônio que representa o caos e a morte através de sua respiração de fogo e veneno – que chega a matar pássaros, incinerados –, rodeado de rainhas e donzelas-serpentes com bocas que minam peçonha; e de outro, seu antagonista Kṛṣṇa, um ser antropomorfo, Divino Senhor dos Deuses, criador, destruidor e guardião dos mundos, e governador do universo, que derrota e subjuga Kāliya com seu poder divino. Num segundo momento revela-se um entendimento pacífico entre o menino – um ser antropomorfo – Kṛṣṇa e o rei-serpente Kāliya (Anexo 01) por causa de um ordenamento cósmico estabelecido pelo próprio deus hindu, pois tivesse Kāliya “desafiado a ordem do universo e seria, sim, merecedor de punição. Mas, mesmo ao [ser golpeado, recebeu] a dádiva suprema: o toque [da mão de Kṛṣṇa]”. Outras narrativas mitológicas também refletem estruturas similares, como o conflito da própria tradição hindu entre Indra e Vṛtra, e também os egípcios Rá e Apófis, os mesopotâmicos Marduc e Tiamat, além de Zeus e Tifão, Apolo e Píton, ou ainda Hércules e Hidra. A partir desta tendência, Zimmer pronuncia-se na seguinte análise em *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*:

Nas mitologias do Ocidente podemos encontrar temas análogos, nos quais, porém, o antagonismo não é solucionado. Hércules, herói semidivino, filho do Pai Céu, Zeus, e portanto partícipe das energias celestiais, é um inimigo implacável dos ofídios terrestres. Ainda uma criancinha, estrangula as serpentes que a antiga deusa terrestre, Hera, coloca em seu berço. Mais tarde, subjuga a Hidra, um monstro destrutivo e quase invencível – energia vital cega, à qual brotam sete cabeças para cada uma que lhe é decepada. Cristo também esmaga a cabeça da serpente, embora seja vítima de sua picada.

No Ocidente, os heróis-salvadores que descem dos céus para instaurar uma nova era terrestre são considerados encarnações de um princípio moral e espiritual superior à cega vitalidade animal do poder ofídico. Na Índia, por outro lado, a serpente e o salvador são duas manifestações básicas de uma única e divina substância



omniabrangente. E essa substância não pode estar em oposição a nenhum de seus aspectos polarizados e mutuamente antagônicos. Nela ambos estão unidos e reconciliados. (ZIMMER, 1989, p. 77)

## ***2 Aspectos teológicos na oposição entre cosmos e caos no Livro de Isaías***

Uma das conseqüências da atividade profética de Isaías (c. 760 a.C.-c.701 a.C.) poderia ser identificada numa suposta escola de seguidores e discípulos de sua doutrina: o fato do livro ser um compêndio de muitos gêneros de profecia e períodos diversos – uma “coleção de coleções” como sustenta a própria estrutura da obra – poderia ser um indício do que Mackenzie afirma sobre “Alguns trechos acrescentados pelos discípulos [apresentarem] a salvação como um reino de paz, firmado nos elementos dos atributos do príncipe davídico” (MACKENZIE, 1983, p. 452a, grifo meu). O jesuíta prossegue apontando uma

Característica de Isaías e de sua escola [como sendo] a idéia do “resto” de Israel (4,3; 7,3; 10,20s; 11,11.16; 28.5). Afora o nome do filho de Isaías, Shear-Jashub, a maioria dessas passagens origina da escola de Isaías e constitui a promessa de certa sobrevivência, pelo menos de uns poucos, à ruína final de Israel. (MACKENZIE, 1983, p. 452a, grifo meu)

A existência de um grupo de discípulos que se constituíam numa tradição ou escola seguidora da vida e dos ensinamentos de um profeta parecia um fenômeno recorrente no Judaísmo antes de Cristo:

Segundo curiosa tradição, o profeta Elias estabeleceu uma comunidade de eremitas no monte Carmelo, a Ordem Carmelita Judaica, a que pertenciam os Filhos dos Profetas e os Essênios. Seus membros converteram-se ao cristianismo, por ocasião da pregação de são Pedro, na festa de Pentecostes, e ergueram uma capela em honra da Virgem Maria, que juntamente com os apóstolos se incorporou à ordem. (ENCICLOPÉDIA BARSA, 1993, vol. 5, p. 108)

João Batista, por sua vez, também tinha seus discípulos, dos quais enviou dois para seguir Jesus (2) , o qual também teve discípulos para continuarem sua doutrina, inicialmente conhecidos por nazareus:

---

<sup>(2)</sup> “No dia seguinte, João se achava lá de novo, com dois de seus discípulos. Ao ver Jesus que passava, disse: ‘Eis o Cordeiro de Deus’. Os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram Jesus. Jesus voltou-se



Cinco dias depois, desceu o sumo sacerdote Ananias com alguns anciãos e um advogado, certo Tertulo, os quais, diante do governador, se constituíram acusadores de Paulo. Tendo sido este chamado, Tertulo iniciou a acusação nestes termos: “Gozando de paz profunda por teu intermédio, e tendo-se processado melhorias para este povo por tua providência, tudo isto reconhecemos, ó excelentíssimo Félix, sempre e em toda parte, com toda a gratidão. [...] Verificamos que este homem é uma peste: ele suscita conflitos entre todos os judeus do mundo inteiro, e é um dos da linha-de-frente da seita dos nazareus. (At 24,1ss.5. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1946, grifo meu)

Por esses motivos é possível acreditar numa tradição religiosa e literária a partir da atividade profética de Isaías, que teria atravessado alguns séculos:

Gênio religioso tão grande, marcou profundamente sua época e fez escola. Suas palavras foram conservadas e sofreram acréscimos. O livro que traz seu nome é o resultado de um longo processo de composição, impossível de reconstituir em todas as suas etapas. (...) Foi formado a partir de diversas coleções de oráculos. Certos conjuntos remontam ao próprio profeta (cf. 8,16; 30,8). Seus discípulos, imediatos ou longínquos, reuniram outros conjuntos, glosando às vezes as palavras do mestre ou juntando-lhe acréscimos. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1238a)

Costuma-se a dividir os sessenta e seis capítulos do Livro de Isaías em três partes. A primeira é geralmente conhecida como Proto-Isaías (Is 1-39), ou Primeiro Isaías (I Is), o qual, além de conter traços identificáveis por todo o livro – as concepções de Iahweh como o Senhor da história e criador por excelência do mundo e do homem, como ontologicamente distinto do ser humano, e como o deus que combate a idolatria e a injustiça e não aprova a supervalorização do culto e da religião excessivamente ritualizados que anulem o exercício da virtude e da promoção da vida e liberdade humanas, um deus que, em sua perfeição moral, defende a religião como um meio de promoção da justiça social –, já apresenta o tema de relevância aqui tratado, qual seja, a inserção de Iahweh no mito universal da vitória da divindade criadora sobre o monstro do caos (Anexo 02):

---

e, vendo que eles o seguiam, disse-lhes: ‘Que procurais?’ Disseram-lhe: ‘Rabi (que traduzido, significa Mestre), onde moras?’ Disse-lhes: ‘Vinde e vede’. Então eles foram e viram onde morava, e permaneceram com ele aquele dia. Era a hora décima, aproximadamente.” (Jo 1,35-39. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1845).



Eia, povo meu, entra nos teus aposentos e fecha tuas portas sobre ti; esconde-te por um pouco de tempo, até que a cólera tenha passado. Porque Iahweh está para sair do seu domicílio, a fim de punir o crime dos habitantes da terra; e a terra descobrirá seus crimes de sangue. Naquele dia, punirá Iahweh, com a sua espada dura, grande e forte, Leviatã, serpente escorregadia, Leviatã, serpente tortuosa, matará o monstro que habita o mar. (Is 26,20-27,1. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, pp. 1292b-1293a)

Na esteira destes argumentos, alguns ecos do Proto-Isaías se fazem sentir no que se convencionou chamar de Segundo Isaías (II Is) ou Deutero-Isaías (Is 40-55) a respeito das concepções sobre Deus. O Deutero-Isaías não teria sido escrito pelo profeta Isaías, mas provavelmente por alguns seguidores de sua profecia que interpretaram o período do exílio na Babilônia dos judaítas – 586 a.C.-538 a.C. – à luz da teologia do Proto-Isaías:

Esses capítulos contêm a pregação dum anônimo, continuador de Isaías e grande profeta, como ele, o qual, na falta de um nome melhor, chamamos de Dêutero-Isaías, ou de Segundo Isaías. Pregou em Babilônia entre as primeiras vitórias de Ciro, em 550 a.C. – que levam a adivinhar a ruína do império babilônico – e o edito libertador de 538, que permitiu os primeiros retornos. A coletânea, sem ser efetivamente compósita, apresenta mais unidade que os caps. 1-39. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1238b)

Ao lado de Judá, outros povos também foram exilados na Babilônia, o que engendrou uma ampliação da visão de mundo judaica até então: de um lado, o povo escolhido via-se imerso numa potência imperial da época e fora da terra prometida por Deus – o que destruíra a fé de muitos judaítas –; de outro, Iahweh se mostrava mais universal do que em suas características fixadas no Proto-Isaías, “pois as exigências morais e o governo do mundo atuado por Iahweh eram tão grandes quanto suas ações criadoras. Os deuses das nações, portanto, não eram seus competidores, não eram mais do que nada e como tais deviam ser considerados.” (MACKENZIE, 1983, p. 454a). De acordo com Mackenzie,

O Segundo Isaías, em estilo verdadeiramente soberbo e elevado, consegue uma síntese de todo o credo profético até seu tempo. Síntese que une numa concepção de grande envergadura a fé israelita na criação, no governo divino da história, na vontade salvífica de Iahweh. (MACKENZIE, 1983, p. 453b)



A visão de Iahweh como estabelecedor e mantenedor da harmonia cósmica – principalmente contra o dragão, o monstro do mar que mais uma vez pode ser identificado com o Egito enquanto um inimigo arquetípico no trecho a seguir, pois vê-se claramente uma alusão à passagem do Mar Vermelho narrada em Ex 14,15-31 – também está presente no Deutero-Isaías:

Desperta, desperta! Mune-te de força, ó braço de Iahweh! Desperta como nos dias antigos, nas gerações de outrora. Por acaso não és tu aquele que despedaçou Raab, que trespassou o dragão? Não és tu que secou o mar, as águas do Grande Abismo? E fez do fundo do mar um caminho, a fim de que os resgatados passassem? (Is 51,9s. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, pp. 1336-1337, grifo meu)

A composição da parte comumente denominada Trito-Isaías (Is 56-66), ou Terceiro Isaías (III Is), é geralmente relacionada ao momento pós-exílico de restauração judaica, um momento de reconstrução da identidade religiosa do povo hebreu, pois os judeus serão chamados “terebintos de justiça, plantação de Iahweh para a sua glória. Eles reedificarão as ruínas antigas, recuperarão as regiões despovoadas de outrora; repartirão as cidades devastadas, as regiões que ficaram despovoadas por muitas gerações.” (Is 61,3b-4. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1352): “Considerada globalmente, essa terceira parte do livro apresenta-se como obra dos continuadores do Segundo Isaías; é o último produto da tradição isaiana, que prolonga a ação do grande profeta do século VIII.” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1239b). Um possível resquício do conflito entre Deus e uma criatura serpentiforme associada ao caos ainda está presente no Trito-Isaías: “O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá feno como o boi. Quanto à serpente, o pó será seu alimento. Não se fará mal nem violência em todo o meu monte santo, diz Iahweh.” (Is 65,25. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1559, grifo meu). Observa-se que uma parte da criação de Deus viverá em paz e harmonia, mas não o ser paradigmaticamente antagônico desta harmonia divina, a serpente, a criatura serpentiforme que não participará da comunhão entre lobos e cordeiros, nem de leões com bois, que continuará a carregar o fardo do castigo estabelecido no Éden: “Então Iahweh Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso és maldita entre todos os animais domésticos e todas as feras selvagens. Caminharás sobre



teu ventre e comerás poeira todos os dias de tua vida.” (Gn 3,14. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, pp. 37-38, grifo meu).

### **3 O Capítulo 11 do Livro de Isaías como caso de exceção ao pensamento de Heinrich Zimmer**

Malgrado o Livro de Isaías refletir uma matriz mitológica presente também em outras tradições religiosas – que geralmente descrevem o conflito entre uma divindade suprema, antropomorfa, que maneje uma arma e seja a escolhida para restabelecer a harmonia de um cosmo que não criou ao derrotar uma criatura serpentina, que represente o caos e tenha uma estreita relação com as águas, retendo-as ou habitando nelas –, ele se constitui como exceção por três motivos: primeiro, pelo fato de Iahweh, a divindade suprema ligada ao mundo antropomorfo, ser não apenas o restabelecido do cosmo como também seu criador, não sendo precedido por ele, seja no Primeiro-Isaías, no Segundo Isaías e no Terceiro Isaías, ao contrário das outras mitologias; segundo, por uma exceção dos aspectos teológicos do Proto-Isaías, que parece não ter uma continuidade no Deutero-Isaías e no Trito-Isaías, presente no relato de Is 11,6-9:

Então o lobo morará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito. O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos e um menino pequeno os guiará. A vaca e o urso pastarão juntos, juntas se deitarão as suas crias. O leão se alimentará de forragem como o boi. A criança de peito poderá brincar junto à cova da áspide, a criança pequena porá a mão na cova da víbora. Ninguém fará o mal nem destruição nenhuma em todo o meu monte santo, porque a terra ficará cheia do conhecimento de Iahweh, como as águas recobrem o mar. (Is 11,6-9. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, pp. 272-273, grifo meu)

Portanto, segundo as palavras de Is 11,6-9, a criatura serpentina é descrita fora do meio aquático e instável, isenta do castigo segundo os paradigmas do Éden, não mais como antagonista e exterior à harmonia cósmica de Deus, mas como parte dela, não como opositora direta de um ser antropomorfo – Deus –, mas como co-participante do mesmo cosmo com outra criatura antropomorfa, no caso a criança de peito, representando o ser humano. Aqui, a harmonia e o equilíbrio, símbolos do ordenamento cósmico de Deus, suplantam o conflito e o desequilíbrio existencial entre o cosmo divino e o caos serpentina, pois o Deus que fez inúmeras obras com sua sabedoria,



que dividiu o mar com seu poder, que fez habitar a terra de criaturas, e preencheu-a com seu conhecimento inibe todos os antagonismos de sua própria Criação.

O terceiro motivo pelo qual o Livro de Isaías pode se constituir num caso de exceção às afirmações de Heinrich Zimmer está descrito por Mircea Eliade em seu Mito do Eterno Retorno. Este autor se encaixa na corrente da Fenomenologia da Religião, conforme ele mesmo deixa claro na obra citada quando discorre sobre as cerimônias de início de ano e fim de ano enquanto contínua regeneração do tempo segundo a concepção de tempo das sociedades tradicionais, “primitivas”, da Antiguidade:

No nosso único propósito tem sido uma análise fenomenológica básica desses rituais periódicos de purificação [...] e das cerimônias do fim e do começo do ano. [...] E é por esta mesma razão que temos evitado qualquer tipo de interpretação sociológica ou etnográfica, procurando nos limitar a uma simples exposição do significado geral que emana de todos esses conjuntos de cerimônias.

Em suma, nosso desejo é compreender o seu significado, esforçar-nos no sentido de ver o que as cerimônias nos mostram – deixando para possíveis estudos futuros o exame detalhado [...] de cada complexo mítico-ritual separado. (ELIADE, 1992, p. 69)

Nesta esteira da História Comparada da Religião, Eliade se propõe, em Mito do Eterno Retorno, a uma análise especulativa de certas linhas orientadoras dos conceitos fundamentais sobre “a imagem de si mesmo formada pelo homem das sociedades arcaicas, e sobre o lugar que ele assume no Cosmo.” (ELIADE, 1992, p. 11). Este indivíduo das sociedades arcaicas sente-se vinculado com os ritmos cósmicos, que são imbuídos de uma “história sagrada”, preservada e transmitida através de mitos que servem de modelo para cerimônias de reatualização periódica dos eventos ocorridos no princípio dos tempos, na Era de Ouro, in illo tempore, passíveis de serem repetidos infinitamente, de modo que o Cosmo e a sociedade sejam regenerados de maneira periódica. A repetição ritual dos arquétipos míticos adquire função e significado a partir da rejeição do tempo concreto – não ordenado por meio de arquétipos, portanto não-cosmizado e não-consagrado –, da nostalgia por um retorno periódico aos tempos míticos do começo das coisas, em nome de uma certa valorização metafísica da existência humana (ELIADE, 1992, p. 7).

A novidade trazida pelo judaísmo, segundo Eliade, se deve a uma visão da história como teofania de Deus: ao interpretar os fatos e acontecimentos



contemporâneos à luz da mais estrita fé, os profetas teriam revelado sua coerência escondida não só enquanto expressão concreta de uma única e mesma vontade divina – o que conferia um valor aos acontecimentos históricos em si mesmos –, mas também enquanto um relacionamento pessoal de Deus com Seu povo. Ao contrário de uma divindade inserida numa concepção cíclica do tempo, Iahweh revelava sua vontade através de intervenções na história, verdadeiras teofanias, positivas ou negativas, que transformavam os acontecimentos em momentos preciosos, irreversíveis, adquirindo com isto “um valor religioso que nada, antes, tinha conseguido lhe conferir” (ELIADE, 1992, p. 98), segundo uma concepção linear de história, de um tempo unidirecional: “Para o judaísmo, o Tempo tem um começo e terá um fim. [...] Cada nova manifestação de [Iahweh] na história não é redutível a uma manifestação anterior” (ELIADE, 2010, p. 97). A relação de Is 11 com esta novidade judaica está na localização cronológica dos eventos citados, pois, a partir da afirmação de que este capítulo é uma referência profética aos tempos messiânicos, torna-se plausível a idéia de Eliade sobre o futuro se encarregar de regenerar o tempo e restaurar sua pureza e integridade originais, de modo que in illo tempore se encontre não só o princípio do tempo, mas também seu final:

Assim, a história é abolida, não por meio da consciência de viver um eterno presente (coincidência com o instante atemporal da revelação dos arquétipos), nem através de um ritual periodicamente repetido [...] – ela é abolida no futuro. A regeneração periódica da Criação é substituída por uma regeneração única, que terá lugar num in illo tempore futuro. (ELIADE, 1992, pp. 100-101)

Por isso, apesar de parcialmente transcender a visão tradicional do ciclo, a qual garante que todas as coisas serão repetidas ad eternum de maneira a sempre se viver num presente atemporal, a concepção de tempo judaica também guarda uma vontade de dar fim à história, ainda que o judeu a tolere na esperança de que num momento futuro ela acabe. É justamente neste illud tempus messiânico que acontece a regeneração do mundo, em pleno in illo tempore sui generis do judaísmo, no qual os aspectos antagônicos se unem e se reconciliam num futuro escatológico, de modo a romper com o paradigma predominante identificado por Zimmer, seja na estrutura dos fatos cósmicos, seja no fluxo cronológico no qual acontecem.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que uma análise sobre o Livro de Isaías – principalmente o décimo-primeiro capítulo do Proto-Isaías (Is 1-39) – seja necessária e suficiente para rever uma opinião presente em *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*, de Heinrich Zimmer, acerca do posicionamento de sua cosmologia numa perspectiva do estudo comparado das religiões: a despeito de suas conclusões sobre a inexistência de mitos e/ou narrativas que revelem, no âmbito do Ocidente – onde não só se estabeleceram como paradigmas religiosos e culturais o judaísmo e o cristianismo, como também surgiram os mitos de Zeus e Tifão, Hércules e Hidra, Apolo e Píton – uma solução do antagonismo entre a serpente e o salvador por serem duas manifestações básicas de uma única e divina substância omniabrangente que não se opõe a nenhum de seus aspectos polarizados por nela estarem ambos unidos e reconciliados, como ele mesmo aponta na narrativa do hinduísmo vaiçnava sobre o conflito de Kṛṣṇa e Kāliya para ilustrar seu argumento, é possível enxergar na profecia de Is a presença de um relato religioso que guarde alguns princípios estruturais encontrados no relato mítico hindu tratado por Zimmer: a solução do antagonismo entre cosmo e caos, simbolizado pela criança – um ser antropomorfo – e pela áspide – o demônio serpentiforme associado à quebra da ordem cósmica no Éden –, malgrado o próprio Iahweh não participar pessoal e diretamente desta solução, insere-se num contexto maior de superação do mal e da destruição pelo fato da terra se encher do conhecimento divino e omniabrangente de Iahweh (Is 11,9).

E, por fim, a abordagem de Eliade acerca da concepção judaica de tempo enquanto teofania de Iahweh é importante como um auxílio à compreensão da natureza *sui generis* deste contexto narrativo da cosmologia judaica (Is 11,6-9), justamente por ele encerrar em si características peculiares ao judaísmo veterotestamentário apontadas por Eliade, como também por constituir um caso de exceção minimamente necessário a uma possível revisão das afirmações de Zimmer, tanto na disposição dos elementos constitutivos dos acontecimentos do universo divinamente ordenado, quanto no ritmo temporal expresso na profecia isaiana nos moldes do *illud tempus* messiânico.



## REFERÊNCIAS

BIBLE ILLUSTRATIONS by Gustave Doré. Disponível em: <<http://www.creationism.org/images/DoreBibleIllus/>>. Acesso em: 05 de setembro de 2010.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo-Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1993, 16v.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2005.

HITCHCOCK, Susan Tyler; ESPOSITO, John L. *História das religiões: onde vive Deus e caminham os peregrinos*. São Paulo: Editora Abril, 2005.

MACKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

ZIMMER, Heinrich. *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*. São Paulo: Palas Athena, 1989.



Anexo 01 – Kṛṣṇa e Kāliya



“Ninfas imploram misericórdia ao deus-herói Krishna enquanto ele enfrenta Kaliya, a serpente venenosa.”

A conquista de Kaliya. (c. 1760). Metropolitan Museum of Art,  
Nova Iorque, Estados Unidos.

In: HITCHCOCK, Susan Tyler; ESPOSITO, John L. *História das religiões: onde vive Deus e caminham os peregrinos*. São Paulo: Editora Abril, 2005, p. 106.

Anexo 02 – Iahweh e Leviatã



The Destruction of Leviathan. In: BIBLE ILLUSTRATIONS by Gustave Doré.  
Disponível em: <<http://www.creationism.org/images/DoreBibleIllus/>>.  
Acesso em: 05 de setembro de 2010.